

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Carmo Chaddi Neto

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Prof. Luiz Pires Barbosa

Cândido Mota/SP

2026

Ficha de Cadastro

Tipo de entrevista: História oral temática

Entrevistador: Marcos Antonio Paludetto

Instituição: Escola Técnica Estadual Prof. Luiz Pires Barbosa

Entrevistado: Carmo Chaddi Neto

Elaboração do roteiro de pesquisa: Marcos Antonio Paludetto

Local da entrevista: Praça da Etec Prof. Luiz Pires Barbosa

Data: 9 de abril de 2026

Duração: 23 minutos e 26 segundos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritor: Marcos Antonio Paludetto

Número de páginas: 11

Sinopse da entrevista:

Entrevista de história oral temática realizada pelo professor Marcos Antonio Paludetto, docente curador do Centro de Memória da Etec Prof Luiz Pires Barbosa, Cândido Mota /SP, com o professor Carmo Chaddi Neto, no dia 9 de abril de 2026, na escola técnica, com a finalidade de compor o projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, volume 21, proposto pela professora Maria Lucia Mendes Carvalho, coordenadora de Projetos na CGETEC/SDMEPP/GEPEMHEP (Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica) do Centro Paula Souza. Esse colaborador foi entrevistado para o projeto de HAE/2025 do professor Marcos Antonio Paludetto, coordenado pela professora Julia Naomi Kanazawa.

Transcrição da Entrevista

Transcritor: Marcos Antonio Paludetto

Data da transcrição da entrevista: não informou

Recebido em: 17 de abril de 2026

Marcos Antonio Paludetto (MAP): Eu sou Prof. Marcos Paludetto, curador do Centro de Memórias, da Etec Prof. Luiz Pires Barbosa. O nosso entrevistado é o professor Carmo Chaddi Neto. Nascido em Cândido Mota em 1950, o professor Carmo Chadi Neto iniciou sua trajetória no magistério em março de 1969, quando começou a lecionar no Colégio Agrícola de Cândido Mota, hoje Etec Prof. Luiz Pires Barbosa, na primeira turma do curso Técnico Agrícola. Ao longo de sua carreira, também atuou na Escola Industrial de Assis, atual Etec Pedro D'Arcádia. Exerceu o cargo de Secretário da Educação e Cultura no município de Cândido Mota durante as gestões dos prefeitos Cidinho de Lima e José Angelo Franciscato.

Carmo Chaddi Neto (CCN): Boa tarde a todos. É um prazer estar aqui gravando um depoimento pelo excelente trabalho do nosso colega Detto, como curador do Memorial, uma escola que merece ter o Memorial. E agora, com o acompanhamento de um professor que tem bastante experiência, vamos enriquecer a história da nossa escola.

MAP: O que motivou o senhor a iniciar sua carreira como professor justamente em 1969, quando abriu a primeira turma do curso técnico agrícola em Candido Mota?

CCN: Bem, em Candido Mota não tinha ensino médio, então eu fui para Assis, naquela época era difícil, tinha que ir de trem também, ou às vezes o ônibus. E eu fiz os três anos de ensino médio no Clybas, que é até hoje uma escola muito boa, que oferece um ensino de boa qualidade. Naquela época, nós tínhamos excelentes professores que, quando terminou o nosso curso, a maioria foi dar aula na Unesp, de tão bom que era o nível dos nossos professores. Eu tive a felicidade de ter aqui também, em Candido Mota, uma professora de matemática que despertou o interesse pela disciplina, que era a Maria Vitória, ela era descendente de argentinos e, também, foi uma excelente professora. Então, a partir do nono ano, eu passei a ter um gosto especial pela matemática e no Ensino Médio, lá no Clybas, tive excelentes professores e o professor de matemática, o Godinho, foi quem deu assim um

grande estímulo para que a gente também se tornasse professor. E quando abriu aqui em 1969, eu estava fazendo o primeiro ano na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, em Jacarezinho. Viajávamos de Kombi e de lá ia para Assis, com bastante dificuldade, às vezes Kombi lotada, numa estrada superperigosa. Mas quando surgiu aqui em Candido Mota, a diretora Cacilda, que sabendo que a gente estava fazendo o primeiro ano, fez contato e falou, precisamos de um professor. Eu falei, mas eu não sou formado. Ela falou, não, mas se você está cursando, é possível a gente encaixar. Eu peguei os meus cadernos de matemática, que eram de grande volume, cada três anos, aqueles cadernos de 200 folhas, e lá tinha tudo anotado. Então peguei e fui passando para os meus alunos tudo aquilo que eu aprendi de uma maneira muito bem explicada pelo professor Godinho, que me deu segurança em passar para os meus alunos.

MAP: Como era a relação com os alunos na década de 70 em comparação com os alunos que o senhor tem hoje em sala de aula?

CCN: Bem, os alunos eram oriundos, na grande maioria, de várias cidades longe, vários estados, aqui o Mato Grosso, Paraná e, também, São Paulo. Mas mais nessas regiões agrícolas que procuravam a formação de técnico agrícola. E eles já vinham motivados para estudar. É um pouco diferente da clientela que atualmente a gente recebe. Muitos vêm pela qualidade que tem a nossa escola, mas a gente percebe que não são todos que têm a vocação. Mas o que dá para notar é que no decorrer dos anos eles passam a gostar e passam a se interessar mais pelo estudo também.

MAP: O senhor ensinava o manejo do Soroban para os alunos do Técnico Agrícola. De que forma essa ferramenta ajudava no desenvolvimento do raciocínio matemático deles?

CCN: Olha, o Soroban foi uma época muito interessante, né? Porque a gente foi para uma Etec de Jundiaí passar uma capacitação com pessoas que vieram do Japão e ensinavam a técnica do manejo. Foi muito interessante porque tinha, apesar de não ser um número grande, mas eram duas aulas que eles tinham de Soroban. E a gente observa que o Japão, eles aprenderam isso desde a pré-escola. Então um aluno, como chegava no ensino médio, tinha uma visão, quase que ele imaginava o movimento daquelas contas que subiam e desciam com os dois dedos, o polegar e o indicador. E os nossos alunos começaram a se interessar muito, porque tinha a competição. O interessante foi que quando a Etec começou, iniciou esse ensinamento do manejo do Soroban, que era um ábaco que originou da China e o Japão aperfeiçoou, né? Colocando uma conta onde tinha duas na parte superior e as quatro

embaixo. O movimento era sempre com o polegar para subir, as de baixo e com o indicador a de cima. E o indicador limpava, tirava essas contas quando encostava nessa trave. A gente percebia que como o aluno tinha que associar o movimento dos dedos com o cálculo. Isso exigia também do cérebro uma situação bem diferente do que eles estavam acostumados. Tanto que a gente teve depoimentos de alunos que perceberam que teve uma melhora do raciocínio. E a gente vê que o Japão, que é uma ilha pequena, que passou por tantos problemas como maremoto, terremoto, bombas atômicas. E hoje é um povo que tem uma tecnologia das melhores do mundo. Nível educacional também dos melhores do mundo. A única coisa que às vezes a gente lamenta é que lá os jovens, a concorrência são tão grande que tinha um índice alto de suicídio. Isso a gente até lamenta. Mas a gente vê que como a qualidade de ensino lá é muito boa, o rei do Japão, para o único profissional que ele se curva é o professor. E aí a gente vê o valor que essa nação dá para a educação. Por isso que eles têm hoje uma das melhores qualidades de educação do mundo. E quem sabe a gente também chega lá. Porque o nosso está precisando melhorar bastante...

MAP: Como era o desafio de lecionar naquela época sem a estrutura tecnológica que temos hoje? E qual a principal diferença que o senhor sente ao comparar aqueles alunos de 1969 com os atuais?

CCN: A gente que leciona por muitas gerações, como a gente está tendo essa oportunidade, que é bastante gratificante, e a gente não faz uma comparação qual era melhor, qual que é melhor agora. Porque é muito relativo, porque as gerações iniciais elas não tinham tanto entretenimento como hoje a gente tem com os celulares e toda essa informação, que é um excesso de informações até. Mas, naquela época a gente via e percebia que o ensino para eles tinha um valor que eles procuravam aproveitar ao máximo. Principalmente, por exemplo, numa escola profissionalizante como a nossa, que recebia estudantes de famílias oriundas de zona rural. E o filho era assim o sonho dos pais para que se formassem engenheiros ou técnicos na área, como ocorreu. E a gente, pela visita que tivemos aqui em junho, de uma comemoração de 50 anos, a gente percebeu o quanto foi importante para essa geração. O valor que eles deram para a educação, que é a educação que receberam aqui. E isso foi muito gratificante. Então, se a gente comparar com questão de tecnologia, mesmo eles não tendo muita tecnologia, eles tiveram uma dedicação muito grande por todo o ensinamento que foi passado, independente da tecnologia. E isso tornou os profissionais, que nos depoimentos um deles viajou por 55 países, outros desenvolve hoje projetos de fruta e de uvas, mangas, na região do Nordeste, exportada para o mundo todo. Alunos que se formaram aqui, com pouca tecnologia, mas com muita vontade de aprender.

MAP: Já que você mencionou a questão do reencontro dos alunos da turma de 1975, qual é a sensação de reencontrar alunos 50 anos depois para relembrar momentos históricos vividos na Etec de Cândido Motta?

CCN: Foi uma coisa muito emocionante. A gente viu que eles vieram com as famílias e é uma geração que marcou o quanto uma escola contribui para a formação dos profissionais da área de agropecuária. Então o depoimento que eles deram deixou a gente orgulhoso de ter participado desta formação e a gratificação que eles têm por todos que aqui cuidaram deles, desde os funcionários, que estava presente uma das funcionárias também. E de professor estavam eu e o professor Wenceslau, que meses depois partiu. Então a gente vê que é uma coisa rara esses momentos que podem acontecer na vida da gente. E eu fico feliz de ter passado por esse momento.

MAP: Ainda falando sobre o Soroban, como que foi a viagem? Porque uma turma foi participar de um evento em São Paulo e o senhor os acompanhou. O senhor tem lembranças de como foi essa participação na capital paulista?

CCN: Sim, também agora me veio à memória que o Japão enviou para cá, na época, para motivar eles, um jovem que era campeão de Soroban. E ele veio mostrar as habilidades que ele tinha, inclusive mentais, que adquiriu, de tanto manusear o Soroban. Isso motivou também bastante eles. E o que foi interessante é que ele participou de um confronto lá na Cidade de Deus, onde tinha a agência sede principal do Bradesco, que tinha o maior computador naquela época. E ele foi fazer uma disputa entre um Soroban e um computador, usando os cálculos feitos pelo que usava o computador. Pois ele venceu. Isso foi para os alunos assim uma coisa marcante quando ele veio para cá e a gente comentou sobre isso. Ele havia participado e motivou também os alunos. Isso foi interessante. Agora, repetindo a pergunta, Detto, sobre...

MAP: Ter participado com eles em São Paulo, acompanhado os alunos no evento?

CCN: Essas participações em São Paulo eram entre todos os estudantes das Etecs. E o interessante é que são ditados. Era para ver também a velocidade deles fazerem o manejo e ao mesmo tempo chegar no resultado. E eram ditados rápidos. E vencia quem conseguia fazer o maior número de operações corretas. Foi bastante gratificante participar. A gente via o quanto eles eram motivados em participar.

MAP: Mesmo aposentado, o senhor continua trabalhando com os alunos do ensino técnico, no ensino médio. O que faz permanecer em sala de aula mesmo depois de aposentado?

CCN: É, a gente quando cuida de, em média, 40 jovens, por hora. E a gente vê assim a cada geração que entra e que sai a transformação de um jovem, de pequeno jovem, que depois vai se tornar um quase adulto. É muito gratificante você poder contribuir com a parte de aquisição de conhecimentos, que isso vai trazer sabedoria para eles e na profissão que vão exercer. Então, saber que a gente contribui para um país que precisa de profissionais bem-preparados é o que mantém a gente nessa profissão.

MAP: O senhor também atuou como secretário da Educação e Cultura em Cândido da Mota. Essa experiência mudou a sua forma de ensinar?

CCN: Olha, com certeza. Mas o que foi interessante é a gente poder estar do outro lado em que você pode ajudar os professores. Porque, por exemplo, nós na primeira administração fizemos também várias capacitações com os professores, trazendo bons profissionais. Fizemos também o Estatuto do Magistério, que veio proporcionar aos professores um plano de carreira. E hoje Cândido Mota, em relação à região, é um dos municípios que melhor paga os professores da rede municipal. E a gente também passou por um processo que foi um pouco problemático, que é a municipalização. Só que a gente tinha duas ou três escolas que o prédio já era do município. Então a gente dependia do Estado para mandar recurso para poder utilizar no próprio prédio, que era da prefeitura. Muitas vezes a gente colocava o dinheiro da prefeitura para depois receber do Estado. O objetivo maior da municipalização era que essas escolas que a gente já tinha o prédio, fosse conduzida plenamente pela prefeitura. Eles davam a entender que poderia também alguma outra da rede estadual. E aí os professores reagiram, não queriam os professores da rede estadual. Mas a gente foi explicando, esclarecendo e depois tudo...

MAP: Qual foi o momento mais marcante que o senhor viveu com um aluno dentro da Etec?

CCN: São vários, viu... Vários. Que mantém a gente nessa profissão. Para dar um exemplo dentre tantos é, por exemplo, nós tivemos um aluno que a gente às vezes passa um resumo na louça de todas aquelas propriedades, aquelas definições que são importantes para eles aprenderem matemática. E a gente pede, porque assim como eu comecei com o meu caderno de matemática, que também tinha esse mesmo esquema, né? E alguns ficavam meio que relutantes em ter que ficar anotando todas essas informações. Só que quando esse aluno se

formou no ensino médio aqui, porque ele queria também pegar só sites que davam uma resposta rápida, porque o objetivo principal dele era passar no vestibular. Mas a gente explicou para eles que o ensino médio precisa, ele é um curso que é o alicerce de conhecimentos dos círculos superiores, né? E esse alicerce é que ia dar suporte para eles continuarem o aprendizado da matemática. E esse aluno foi reconhecer isso quando ele me ligou e ele entrou numa escola de robótica, que faz as máquinas inteligentes. E ele falou, professor, eu estava com dificuldade de entender a matemática do curso meu, do curso superior. Mas quando eu peguei o meu caderninho, os meus cadernos do ensino médio, eu vi o quanto me ajudou a entender a matemática do ensino superior. Esse foi um momento gratificante. Outro momento gratificante foi, por exemplo, na feira de ciências. A feira de ciências nossa, que é de ciência e tecnologia, ela passa a ser para a cidade um momento de distração. E a gente vê famílias onde vem a mãe numa cadeira de roda, um filho que é deficiente conhecido na cidade, vem o pai trazendo a família e eles se divertiam com pequenas coisas, com pequenos brinquedos. E a gente sentia uma gratificação, não pelo trabalho dos alunos, que eles cuidavam também deles, porque também a gente é grato por essa participação do aluno em recebê-los e orientá-los, mas foi muito gratificante também ver que uma feira pode proporcionar alegria para uma família que tem bastante dificuldade na vida. Agora, outro ponto interessante foi ver uma criança, quando ele puxou, porque nós tínhamos alguns aparelhos de física, o pêndulo de Newton, aquelas quatro, cinco bolinhas que são de metal e tem uma haste que é de fio de nylon. Quando puxa, bate, aí o impulso faz com que a última bolinha levanta. Então, um jovem aluno estava explicando para o pequeno, o pequeno aluno que veio lá, mostrando para ele. Só que a hora que o menino viu que a bolinha saiu, ele fez uma expressão de surpresa. Aí o jovem falou, professor, o senhor viu que belezinha a cara dele, a alegria dele de ver isso? Eu falei, vi sim, mas vi duas coisas. Vi também um jovem se encantar com uma criança fazendo isso. Então, uma coisa rara, porque a gente nessa posição, você olha os dois lados. Um pequeno aluno que vem e faz com que um outro fique encantado de ver a admiração dele. E a gente, professor, quando tem esses momentos, são muito marcantes.

MAP: Depois de 50 anos na mesma instituição, qual é o principal ensinamento que o senhor acredita ter deixado para os seus alunos?

CCN: Olha, eu quando recebo os alunos no primeiro ano, eu deixo para eles uma frase muito importante que eu acho, para eles carregarem até com a formação deles. Que antes dele querer se transformar numa pessoa inteligente, que ele primeiro faça de tudo para que ele seja uma pessoa boa, uma pessoa correta e uma pessoa que ajude todos aqueles que

precisam. Porque a gente vê exemplos, principalmente na política, às vezes, por exemplo, um engenheiro que adquiriu um conhecimento, só que na hora de aplicar os recursos tem desvios, esbanjo, uma escola às vezes falta material, por falta de recurso que for mal aplicado. Então era uma pessoa que às vezes até usufruía desses dinheiros. Então de que adianta um engenheiro ser tão inteligente se ele não é uma pessoa boa? Somente os políticos têm que cuidar disso. Mas toda formação é importante a pessoa ajudar o máximo os outros. Tanto que a gente faz estudo em grupo, estudo compartilhado, onde eles aprendem também a ajudar um aluno que tem dificuldade. É uma metodologia muito interessante que tem dado resultado na nossa escola. E isso me marca que o que eu vejo no decorrer dos três anos, eles vão reforçando tanto a parte intelectual, como também esse lado de pensar nas pessoas também.

MAP: Qual o recado que o senhor deixa para os alunos e profissionais que vão assistir esse vídeo daqui 50 anos?

CCN: O que a gente percebe a cada ano que passa é uma volta ao sol. E tudo em forma de galáxia, né. E a gente vê por que todos os astros giram em forma de galáxia, só que a nossa vida não é um círculo. Cada ano que você faz parece que você se eleva, a um grau. E você vai ver o mesmo ponto de uma outra visão. Então é quanto mais voltas você dá, maior é essa sua visão. Isso vale tanto para os alunos como para os professores e para qualquer profissional. E eu acho que é isso que é importante, que a escola passe também essa visão para eles.

MAP: Quero agradecer ao professor Carmo Chade por aceitar esse desafio de ser entrevistado e registrar um pouco da sua trajetória na Etec, professor Luiz Pires Barbosa.

CCN: Obrigado, Detto.

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Carmo Chaddi Neto

Marcos Antonio Paludetto

Etec Prof. Luiz Pires Barbosa, em Cândido Mota

Secretário da Educação e Cultura

Técnico Agrícola

Ensino Médio

Matemática

Soroban

Feira de Ciência e Tecnologia

Escola de Robótica

Dados Biográficos do Entrevistado



Carmo Chadi Neto – Nasceu em Cândido Mota em 1950, iniciou sua trajetória no magistério em março de 1969, quando começou a lecionar no Colégio Agrícola de Cândido Mota, hoje ETEC Prof. Luiz Pires Barbosa, na primeira turma do curso Técnico Agrícola. Ao longo de sua carreira, também atuou na Escola Industrial de Assis, atual ETEC Pedro D'Arcádia. Exerceu o cargo de Secretário da Educação e Cultura no município de Cândido Mota durante as gestões dos prefeitos Cidinho de Lima e José Angelo Franciscato.

Dados Biográficos do Entrevistador



Marcos Antonio Paludetto - Nasceu em 19 de outubro de 1967, em Palmital/SP. Coursou o Ensino Fundamental na Escola Horácio da Silva Leite e o Ensino Médio na EE Profa. Adalgisa Cavezzale de Campos. Formou-se em Geografia em 1988, pelas Faculdades Integradas de Ourinhos. Iniciou a carreira como professor na Rede Pública de Ensino em 1988, se efetivou na EE Profa. Adalgisa Cavezzale de Campos em 2000, onde trabalhou até a sua aposentadoria em 2022. Em 2012, passou a lecionar Geografia; como professor indeterminado na Etec Prof. Mario Antonio Verza, em Palmital/SP; em 2022, ampliou a sua jornada para a Etec Prof. Luiz Pires Barbosa, em Cândido Mota.

Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais Carmo Chaddi Neto

Termo de Cessão dos Direitos Autorais Carmo Chaddi Neto